

Eduardo Gomes Machado<sup>1</sup>  
Nayrisson de Jesus Prado da Silva<sup>2</sup>  
Jonathan de Souza Nogueira<sup>3</sup>  
Anna Erika Rocha Faustino<sup>4</sup>

**Artigo livre**  
**ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR  
E SITUAÇÕES URBANAS COTIDIANAS EM  
PEQUENAS CIDADES INTERIORANAS: O CASO  
DE REDENÇÃO E ACARAPE**

***HIGHER EDUCATION STUDENTS AND  
EVERYDAY URBAN SITUATIONS IN SMALL  
INNER CITIES: THE CASE OF REDENÇÃO AND  
ACARAPE***

---

<sup>1</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC)

<sup>3</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

<sup>4</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## RESUMO

A implantação de grandes equipamentos públicos de educação superior em pequenas cidades interioranas afeta as estruturas, equipamentos, serviços, fluxos e dinâmicas urbanas, potencialmente modificando os padrões de produção social do espaço urbano, a questão urbana e as próprias cidades. Aos moradores originários agregam-se centenas e até milhares de novos moradores, particularmente discentes da educação superior, vivenciando episódios e situações urbanas cotidianas. Como os estudantes vivenciam a cidade? Quais os desafios que enfrentam e como lidam com eles? Este artigo discute esses elementos, apresentando questões teórico-empíricas e achados analíticos resultantes do trabalho até aqui efetuado. A pesquisa trabalha com dados secundários e primários, e envolve observação direta de caráter etnográfico, questionários, entrevistas e análise documental.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidade; espaço urbano; território; estudante; universidade.

---

## ABSTRACT

The implantation of large public equipments of higher education in small interior cities affects structures, equipments, services, fluxes and urban dynamics, potentially modifying the social production of the urban space, urban planning and cities. To original residents added thousands of new residents, particularly students of higher education, experiencing urban episodics and situations everyday life. How do you experience everyday situations? How do these students deal with urban problems and difficulties? This article discusses these elements, presenting theoretical-empirical questions and analytical results derived from the work done here. It works with primary and secondary data, including direct observation of ethnographic character, interviews and document analysis.

**KEY WORDS:** City; urban space; territory; university student; university.

## INTRODUÇÃO

Atravessamos o portão principal da Liberdade e já é final de tarde na Avenida da Abolição<sup>1</sup>. Há muito movimento nas calçadas e estacionamentos, no quiosque em frente ao portão, na creche ao lado, na própria avenida. A Abolição é uma via larga, que possui, em boa parte de suas laterais e por vários quilômetros, dois grandes acostamentos, utilizados improvisadamente como calçadas e espaços para a prática de exercícios, principalmente caminhadas e corridas. Nos acostamentos, centenas de pessoas, de várias idades, moradores originários das duas cidades e migrantes temporários se agregam aos automóveis, ônibus, caminhões, motos e bicicletas, fazendo atividades de esporte e lazer, deslocando-se. No canteiro central, em frente à Liberdade, situa-se o Monumento da Negra Nua. Ônibus estacionam ao lado, estudantes sobem, sentam nas poltronas, conversam, brincam entre si, alguns assumem posturas reservadas, fones ao ouvido, digitam ao telefone, leem textos. Do outro lado da Avenida, na mesma área, em uma grande edificação integrada, situam-se um supermercado, lojas, bares e restaurantes. Ao lado, edificações multifamiliares verticais onde residem discentes da universidade, além de um grande espaço, nos moldes de uma quadra, onde ocorrem festas, algumas com centenas de pessoas. É o Complexo da Abolição, constituído após a implantação da instituição ((DIÁRIOS DE CAMPO, 2018-2019)<sup>2</sup>.

Essa breve descrição evidencia aspectos da vida urbana de uma pequena cidade (BITOUN; MIRANDA, 2009) interiorana no estado do Ceará – Redenção –, no Nordeste do Brasil, onde foi implantada uma universidade federal pública, um equipamento de grande porte.

O artigo apresenta questões teórico-empíricas e resultados preliminares gerados em pesquisas que investigam como essa implantação, que atinge duas pequenas cidades praticamente conurbadas – Redenção e Acarape –, impacta a produção social do espaço urbano, tendo como foco as situações urbanas cotidianas vivenciadas pelos estudantes nas urbes (ENDLICH, 2009; 2011; FRESCA, 2010; LOPES; HENRIQUE, 2010; OLIVEIRA JÚNIOR, 2008; MAIA, 2010). Associados a uma inserção de longo curso, os processos investigativos mobilizam dados secundários e primários e integram observação participante de caráter etnográfico, e, em alguns casos, pesquisa-ação. Com essa abordagem metodológica, pretende-se aliar aos objetivos mais tradicionais de investigação acadêmica ações que possam apoiar/subsidiar mudanças nas disposições sociais, práticas e identidades dos agentes envolvidos, induzir e/ou fortalecer processos de coletivização das ações estudantis e impactar políticas urbanas e de assistência estudantil. Algumas perguntas evidenciam o escopo das investigações. Se e como discentes da UNILAB produzem socialmente o espaço urbano? Quais situações e desafios urbanos são experienciados cotidianamente pelos discentes? E como lidam com eles?

As cidades são compreendidas enquanto configurações orgânicas, totali-

<sup>1</sup> Um dos *campis* da UNILAB no Ceará se denomina Liberdade.

<sup>2</sup> Os Diários de Campo do Projeto envolvem registros entre 2018 e o início de 2020.

dades que apresentam estruturas e dinâmicas próprias, mesmo perpassadas por processos e forças que extrapolam suas fronteiras físico-geográficas, assim como por contradições e ambiguidades. Essas totalidades evidenciam contextos onde os agentes estão imersos e que os condicionam e interpelam e, ao mesmo tempo, requerem/possibilitam respostas sociais variadas. Nesse sentido, os discentes vivenciam um conjunto de experiências cotidianas partilhadas, e necessitam lidar com elas de modo reiterado e minimamente sequencial e cumulativo.

Como referências teórico-empíricas mobilizadas, cabe destacar o fazer a cidade, assim como as categorias experiência e cotidiano, compondo um diálogo entre tradições pragmatistas e aportes estruturais e relacionais. A partir desse arcabouço, destacam-se três vetores teórico-empíricos, interligados, considerando-se as duas cidades: (i) as tensões vinculadas ao fazer a cidade nos marcos de uma etnografia das margens e das centralidades e das tensões entre a política do cotidiano e a política institucional, evidenciando dinâmicas educacionais; (ii) a reconstituição de vínculos, pactuações e compromissos mútuos, disposições sociais e *frames*; (iii) as dinâmicas, as tensões e os conflitos socioespaciais.

## A UNIVERSIDADE E AS CIDADES

Nos primeiros quinze anos do século XXI, o Brasil vivenciou uma expansão da educação superior: com várias universidades e institutos federais sendo implantados em regiões interioranas do país, buscando enfrentar baixas taxas de acesso à educação superior, sobretudo dos jovens entre 18 a 24 anos; matrículas majoritariamente concentradas nas instituições de educação superior (IES) privadas; concentração das IES públicas nas regiões litorâneas, sobretudo nas capitais; e assimetrias regionais na distribuição dos cursos e das vagas de graduação e de pós-graduação (DANTAS; CLEMENTINO, 2014). Essa expansão vem modificando o perfil dos estudantes, ao ampliar o acesso à vida universitária de segmentos estudantis provenientes das classes populares e com perfis étnico-raciais, socioeconômicos e de gênero distintos dos que historicamente ocuparam o espaço acadêmico. Considerando a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES – 2018, que coletou dados das 63 universidades federais do país (ANDIFES, 2018): houve um crescimento das discentes mulheres, com 54,6% sendo do sexo feminino; 52,1% são negros (pretos – inclusive quilombolas – e pardos) e indígenas (aldeados e não aldeados); 70,2% situavam-se na faixa de renda mensal familiar per capita até 1,5 salários mínimos; 64,7% estudaram em escolas públicas; 48,3% ingressaram nas universidades por cotas.

Criada em 20 de julho de 2010 e iniciando-se seu funcionamento em maio de 2011, a UNILAB (2019) tem “como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento”, “promover a extensão universitária” e “o desenvolvimento regional, o intercâmbio cultural, científico e educacional”. Diferencia-se de outras universidades ao ter “como missão institu-

cional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP” (UNILAB, 2019). Desse modo, além de ser uma universidade interiorizada, busca fortalecer a cooperação internacional com os países da CPLP, particularmente os africanos – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Ao mesmo tempo, trata-se de uma universidade alicerçada na atuação política do movimento negro, comprometida com suas agendas e pautas políticas, assumindo, no decorrer de sua implantação, firme compromisso com os direitos humanos, o enfrentamento às violências e violações de direitos e a geração de alternativas ao desenvolvimento. Com esse caráter, a UNILAB efetiva-se enquanto uma universidade mais plural e representativa, com maior participação de mulheres, negros, índios e pessoas originárias de famílias trabalhadoras/populares, muitas delas sendo as primeiras dessas famílias a ingressar no ensino superior.

Em 2019 a instituição detém 373 docentes e 334 técnico-administrativos, um orçamento anual de 130 milhões de reais, 20 mil m<sup>2</sup> de área construída, 25 cursos de graduação presencial, 5 mestrados e 5 especializações<sup>3</sup>. A Tabela 1 indica os contingentes de discentes – totais e vinculados ao Ceará e à Bahia –, por país de origem.

Tabela 1 – Contingentes de discentes totais vinculados aos núcleos universitários da UNILAB no Ceará e na Bahia, por país de origem

PAÍSES	TOTAL	CEARÁ	BAHIA
<b>Brasil</b>	4013	2679	1334
<b>Guiné-Bissau</b>	620	474	146
<b>Angola</b>	236	179	57
<b>Cabo Verde</b>	71	58	13
<b>São Tomé e Príncipe</b>	64	52	12
<b>Moçambique</b>	38	35	3
<b>Timor Leste</b>	16	16	0
<b>Outros</b>	1	1	0
<b>TOTAL</b>	5059	3494	1565

Fonte: Adaptado de UNILAB (2019).

Como é possível perceber, e sem agregar discentes de educação a distância e pós-graduação, trata-se de praticamente 3500 estudantes, sendo aproximadamente 23% destes originários de outros países. Os demais são, em sua maioria, oriundos de localidades rurais dos dois municípios e de outros municípios do estado, principalmente da Região do Maciço de Baturité e da Região Metropolitana de Fortaleza. A grande maioria dos discentes do Ceará reside em Redenção e em Acarape.

<sup>3</sup> A UNILAB também conta com trabalhadores terceirizados, principalmente nas áreas de segurança, limpeza e alimentação.

## A RECONSTITUIÇÃO DO URBANO E A FRAGILIZAÇÃO DA PARTILHA DO SENSÍVEL

Após sair de Fortaleza e atravessar o município de Maracanaú, onde se situa o principal distrito industrial do estado, a rodovia estadual CE-060 serpenteia por um grande vale, que se estende por dezenas de quilômetros, ladeada por serras e montes de variados tamanhos, passando pelas cidades de Pacatuba e Guaiuba. Pouco antes de adentrar a cidade de Acarape, em uma área marcada por edificações industriais, situa-se o *Campus* dos Palmares, da UNILAB, alocado inicialmente em dois grandes galpões de uma fábrica desativada, ao qual se agregaram dois prédios, recém-construídos. Na fronteira entre os dois municípios, e compondo uma paisagem vista à distância da estrada, se situa o *Campus* das Auroaras, com prédios construídos e em construção, inclusos dois edifícios residenciais inacabados, um grande restaurante universitário e quatro blocos integrados que abrigam laboratórios, auditórios, salas administrativas e de aula. Nesse pedaço, a rodovia estadual já se transformou na Avenida da Abolição. Um pouco à frente se situa o *Campus* da Liberdade, em um conjunto arquitetônico onde, inicialmente, funcionou um educandário vinculado a uma ordem religiosa, décadas atrás, e, tempos depois, a prefeitura. Manteve-se o conjunto arquitetônico e novos prédios foram construídos, com salas de aula, restaurante universitário, auditórios, biblioteca e uma academia<sup>4</sup>. Em frente a esse *campus*, situa-se uma fazenda de cana de açúcar, que se estende ao largo de toda área oeste da cidade, com plantações e uma fábrica de produção de cachaça, em atividade, evidenciando a presença de uma grande propriedade rural ao lado da área de urbanização mais intensa no município. Já estamos próximos à grande serra do Maciço, onde se situam cidades como Baturité, Guaramiranga, Pacoti, Mulungu. Essa serra, com boa parcela do território ocupado por mata atlântica, faz fronteira em suas porções sul, sudoeste e noroeste com as Regiões do Sertão de Jaguaribe, do Sertão Central e do Vale do Jaguaribe; nas porções norte, nordeste e leste, com a Região Metropolitana de Fortaleza; e, em uma pequena porção, com o litoral leste, como indica a Figura 1.

Redenção e Acarape, duas pequenas cidades interioranas, vizinhas e praticamente em processo de conurbação, sedes de municípios limítrofes à Região de Planejamento da Grande Fortaleza, como podemos ver no Mapa 1, e situadas a aproximadamente 60 km da capital do estado, vivenciam atrações/influências diversas da metrópole e compõem a Região do Maciço de Baturité, formada por treze municípios. Nessa região, cabe falar em certa hierarquia das cidades, com diferentes capacidades de atração e relações de força, e com conexões, interações e fluxos materiais e imateriais, inclusas pessoas, que perpassam o cotidiano das cidades (MACHADO et al, 2017).

<sup>4</sup> A UNILAB também está situada na Bahia, na cidade de São Francisco do Conde, com o *campus* dos Malês.

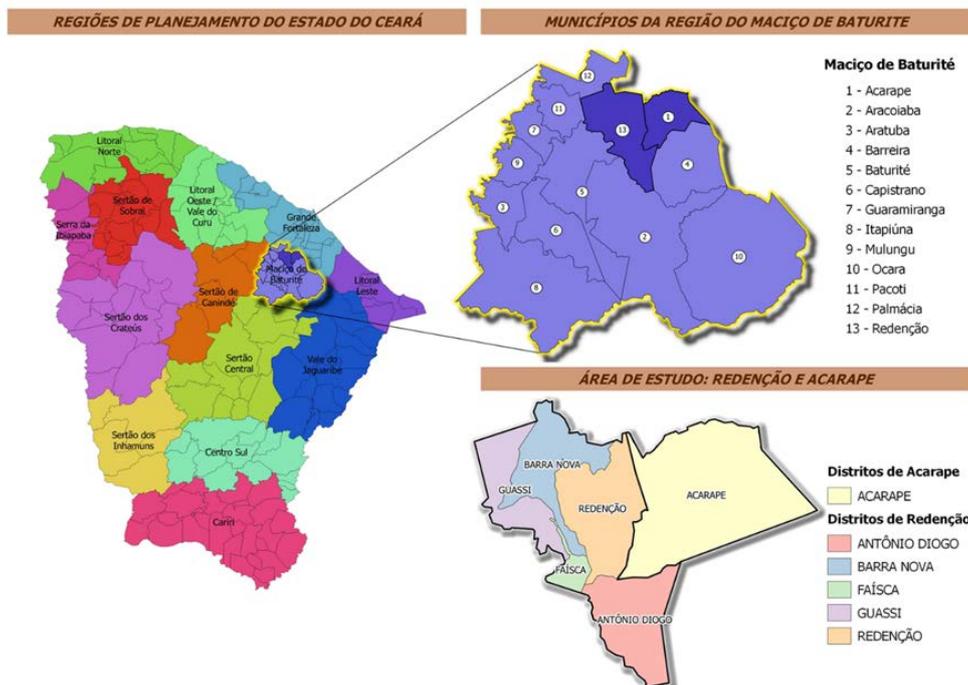


Figura 1 – Localização dos Municípios de Redenção e Acarape no Ceará e na Região do Maciço de Baturité  
Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Tabela 2 – Informações demográficas das regiões de planejamento do Estado do Ceará

Regiões de Planejamento	DEMOGRAFIA						ECONOMIA						
	População (2014)		Área territorial (km²)		Densidade demográfica (hab./km²)	Taxa de Urbanização % (2010)	PIB (R\$ mil) 2012		Setores do PIB 2012 (%)			PIB per capita (R\$) 2012	% de domicílios (1/2 S.M.) 2010
	Nº	%	Nº	%			Nº	%	Agropecuária	Indústria	Serviços		
Carií	999.169	11,3	17.298,35	11,62	57,76	69,46	6.306.666,84	7,00	3,66	16,28	80,06	6.463,42	59,02
Centro Sul	387.141	4,38	11.581,50	7,78	33,43	58,56	2.144.698,53	2,38	5,96	12,70	81,34	5.646,51	60,25
Grande Fortaleza	3.949.974	44,67	7.434,91	5,00	531,27	94,43	60.578.264,48	67,21	0,68	24,82	74,50	15.824,66	42,15
Litoral Leste	200.126	2,26	4.631,20	3,11	43,21	54,65	1.847.169,98	2,05	14,51	35,78	49,71	9.484,92	61,26
Litoral Norte	390.483	4,42	9.363,50	6,29	41,70	54,18	2.187.540,27	2,43	9,4	23,78	66,82	5.757,46	71,24
Litoral Oeste/Vale do Curu	384.592	4,35	8.890,58	5,97	43,26	56,66	2.357.043,46	2,62	7,28	29,26	63,46	6.324,93	69,19
Maciço de Baturité	238.977	2,7	3.707,30	2,49	64,46	48,69	1.111.270,03	1,23	10,09	13,14	76,77	4.757,56	66,24
Serra da Ibiapaba	350.423	3,96	5.701,61	3,83	61,46	51,95	1.920.066,42	2,13	19,59	11,00	69,41	5.625,50	65,89
Sertão Central	387.164	4,38	16.014,27	10,76	24,18	56,10	2.079.007,07	2,31	7,84	17,46	74,70	5.495,24	63,16
Sertão de Canindé	202.808	2,29	9.202,34	6,18	22,04	55,82	931.944,88	1,03	10,59	10,07	79,34	4.705,34	68,11
Sertão de Sobral	482.399	5,46	8.533,50	5,73	56,53	70,58	3.722.713,15	4,13	4,61	24,08	71,30	7.934,10	60,26
Sertão de Crateús	348.844	3,94	20.591,20	13,84	16,94	58,11	1.689.837,10	1,87	9,46	12,76	77,78	4.913,92	65,24
Sertão dos Inhamuns	134.115	1,52	10.863,39	7,30	12,35	46,28	636.903,08	0,71	8,39	12,33	79,28	4.833,81	67,14
Vale do Jaguaribe	386.576	4,37	15.011,98	10,09	25,75	58,61	2.618.599,13	2,91	12,36	19,06	68,58	6.912,06	57,26
Mediana por Região do Estado	385.584	4	9.283	6	42	56	2.111.853	2	9	17	75	5.702	64
Média por Região do Estado	631.628	7	10.630	7	74	60	6.437.980	7	9	19	72	6.763	63

Fonte: Adaptada de IPECE (2016) e IBGE (1991; 2010; 2014).

Dados do IPECE (2016) e do IBGE (1991; 2010; 2014) nos informam que o Maciço de Baturité tem a terceira menor população dentre as regiões de planejamento do Estado, somando 2,70% dos residentes, abaixo somente do Sertão do Inhamuns e do Sertão de Canindé. O Maciço também tem a menor área territorial com 3.707,30 km<sup>2</sup>, agregando somente 2,49% da dimensão do estado. Considerando seu pequeno território, a população é considerável para sua proporção, sendo a segunda região mais densa demograficamente no Estado, com 64,46 hab./km<sup>2</sup>, atrás somente da Grande Fortaleza. Porém, ao mesmo tempo, o Maciço tem a segunda menor taxa de urbanização dentre as regiões, com 48,69%, atrás somente do Sertão dos Inhamuns, que tem 46,28%. Desse modo, a região detém densidade demográfica relativamente acentuada, comparada as demais regiões do estado; porém, com mais da metade desta população dispersa em áreas rurais de seus respectivos municípios, caracterizando-se como uma região pequena, densa e predominantemente rural.

Em 2010, antes da implantação da UNILAB, o município de Redenção possuía 26.415 pessoas residentes, 57,3% moradores de áreas urbanas, e Acarape com 15.338 residentes, em que 52% dos moradores são urbanos (IBGE, 2010). As duas cidades já vivenciavam graves deficiências e precariedades quanto a infraestruturas, equipamentos e serviços urbanos, o que dificultava, e ainda dificulta, o acesso digno a habitação, transporte, saneamento ambiental, lazer, esporte e segurança para as populações já residentes e para os novos moradores. A cada semestre, aumenta o contingente de discentes, inclusive indígenas e quilombolas, que ingressam na universidade, assim como os oriundos da Região Metropolitana de Fortaleza, particularmente de Fortaleza, Maracanaú e Pacatuba. Desse modo, torna-se notório como a universidade instituiu uma diversidade social, vivenciada no cotidiano urbano, antes inexistente, evidenciando a complexidade das clivagens e interseccionalidades identitárias – inclusas geração, nacionalidade, raça, classe, religião, gênero, dentre outros marcadores sociais – que perpassam as cidades, considerando moradores antigos e migrantes temporários<sup>5</sup>.

Considerando essas questões, entende-se que a implantação da UNILAB recriou o urbano, os padrões de produção social do espaço urbano e a própria questão urbana nas cidades, tanto nos aspectos intraurbanos quanto na inserção em redes urbanas, impondo desafios políticos e técnicos ao planejamento, gestão e política urbana (VILLAÇA, 1998; MACHADO et al, 2017). Desse modo, os impactos urbanos ocorrem em vários sentidos, em curto, médio e longo prazo, e em variadas escalas físico-geográficas e sociais, evidenciando contradições e ambiguidades. Por exemplo, ampliando os recursos econômicos e os fluxos de renda, constituindo demandas urbanas variadas, dinamizando o mercado imobiliário, ampliando mercados consumidores diversos, dentre outros (RIBEIRO, 2012; BAUMGARTNER, 2015). Tornam-se mais complexas as questões associadas a infraestruturas, equipamentos e serviços urbanos, mas também a convivência cotidiana, situações e interações urbanas vivenciadas por diferentes agentes sociais (MACHADO et al, 2017).

Cabe falar em uma reestruturação urbana e das cidades, impactando as demandas, em suas dimensões materiais e imateriais, e induzindo mudanças nas funções e papéis desempenhados pelas cidades, nas relações, dinâmicas e fluxos, assim como nas percepções, imaginários e cotidianos urbanos (RIBEIRO, 2012). Modifica-se o caráter de Redenção e de Acarape enquanto localidades centrais, redefinindo-se suas áreas de influência e as pessoas por elas atendidas (IPEA; IBGE; UNICAMP, 2002). Altera-se a posição das duas cidades na hierarquia das redes urbanas, inclusive porque agregam uma função urbana anteriormente inexistente, especializada e restrita, a oferta da educação superior em larga escala, através de uma instituição federal pública, modificando-se seu alcance espacial máximo (IPEA; IBGE; UNICAMP, 2002). Redefinem-se relações e fluxos com outros municípios e cidades da Região do Maciço de Baturité e da Região Metropolitana de Fortaleza, e com várias regiões e cidades dos demais países parceiros – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

<sup>5</sup> A própria composição dos docentes da instituição envolve pessoas originárias de várias partes do país e do mundo.

Mas, mais do que isso, cabe falar em uma agudização do caráter urbano das duas cidades, nos sentidos indicados por Wirth (1967, p. 102), que destaca como a cidade tende a agregar um conjunto de diferentes partes, com funções especializadas, compondo um “mosaico de mundos sociais nos quais é abrupta a transição de um para o outro”. Isso contraria um olhar mais superficial e geral sobre as pequenas cidades interioranas, que as vê como absolutamente homogêneas, sem grandes diferenças em seus territórios intraurbanos. Na verdade, não é isso que se percebe em Redenção e Acarape, considerando-se a existência de centralidades e periferias, de segregação socioespacial de larga escala, de desigualdades socioespaciais que perpassam áreas, *a priori*, percebidas como absolutamente homogêneas, com distinções significativas quanto às funções urbanas vivenciadas por diferentes trechos urbanos. Inclusive considerando-se as práticas e as interações urbanas diurnas e noturnas, assim como o agravamento paulatino de tensões e conflitos mais propriamente urbanos, envolvendo disputas pela ocupação, produção e uso de diferentes pedaços das urbes.

Essa agudização do caráter urbano também se relaciona à intensificação e variedade das experiências urbanas vivenciadas, principalmente ao se articular à vida acadêmica e ao percebermos que o urbano que perpassa Redenção e Acarape transcende as cidades, articulando-se às redes urbanas do Maciço e da metrópole de Fortaleza, bem como aos demais países de origem (SIMMEL, 1967). Essa intensificação da vida urbana sobrecarrega os indivíduos e as coletividades com estímulos corporais, culturais, psíquicos, emocionais, estéticos, políticos, dentre outros, gerando não somente sua incorporação, mas, sob tensão, também a necessidade de lidar com elas de modo a constituir situações de equilíbrio (SIMMEL, 1967). Isso ocorre, paradoxalmente, em pequenas cidades, que não são metrópoles, portanto, e onde mesmo assim experienciam-se um urbano estendido e intensificado que agudiza os estímulos na vida cotidiana e tensiona os modos de vida e as personalidades urbanas de cariz mais tradicional/interiorano/rural. Simmel (1967, p. 16) afirma:

Se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto as da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizada internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável.

Constituem-se, por conseguinte, contextos e situações urbanas marcadas por tensões, paradoxos e ambiguidades bastante intensas entre o urbano e o rural – ainda mais se consideramos que grande parcela dos discentes brasileiros e africanos é originária de áreas rurais –, e entre o urbano em uma pequena cidade interiorana e o urbano de grande intensidade, impactando os modos de vida e as identidades sociais. Como Wirth (1967) permite intuir, a agudização do caráter urbano articula-se à ampliação da convivência cotidiana de um conjunto muito heterogêneo de agentes sociais associados à sua acrescida mobilidade. No contexto do “contato físico estreito de numerosos indivíduos”, os “estímulos recebidos [...] [sujeitam os agentes a um] *status* flutuante no seio de grupos sociais diferenciados que compõem a estrutura social da cidade” (WIRTH, 1967, p. 101-103).

Avalia-se que estamos diante de um alargamento e de uma intensificação do urbano em Redenção e Acarape. O alargamento associa-se, por exemplo, à ampliação dos contatos, redes, grupos e interações virtuais, que passam a compor o urbano de forma ampliada, assim como à inscrição nas cidades de circuitos, redes e fluxos transescalares, trazendo para as cidades múltiplas articulações entre o nano, o micro, o meso, o regional, o estadual, o nacional e o internacional, dentre outras escalas. É possível perceber a centralidade da Universidade nesse urbano intensificado e alargado. Alargamento e intensificação que geram tendências paradoxais de afirmação de pontos de equilíbrio/consenso e de agravamento de incertezas, inseguranças, tensões e conflitos urbanos, em variadas ordens e escalas, inclusive associados às relações entre tradições e inovações, permanência e mudança. Paradoxalmente, vivencia-se a busca de reafirmação/retorno de/às situações tradicionais e a reconstituição/ativação de outros vínculos sociais, com a emergência de novos agentes urbanos pautando os comuns que compõem o imaginário e a dinâmica cidadina.

Nesse sentido, é possível falar em um esgarçamento da partilha do sensível social e historicamente consolidada nas duas cidades, com essa partilha do sensível sendo entendida nos termos indicados por Rancière (2009, p. 15), enquanto:

[...] o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha.

Desse modo, a partilha do sensível – agregando dimensões estéticas e políticas – evidencia “quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce”, distinguindo, dentre os diferentes agentes sociais, os que são ou não visíveis “num espaço comum, dotado de uma palavra comum” (RANCIÈRE, 2009, p. 15). Assim, a partilha do sensível evidencia “um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência”, remetendo ao “que se vê” e ao “que se pode dizer sobre o que é visto”, e, também, “quem tem competência para ver e qualidade para dizer” (RANCIÈRE, 2009, p. 15).

Nesse contexto, cabe questionar as tendências e potencialidades de reafirmação da partilha tradicional e de constituição de uma nova partilha. Inclusive, considerando que a partilha tradicional remete a hierarquias muito associadas aos recortes de classe social, de gênero e de raça, agregando distinções que as elites cidadinas – políticas, religiosas e proprietárias – insistem em reproduzir, inclusas diferenças entre os rurais e os urbanos, os da cidade e da serra, os da cidade e os de fora, os das centralidades e das periferias intraurbanas, todas vinculadas, mesmo que de modo implícito, à propriedade privada de terra (urbana e rural) e do capital, às redes políticas familiares e aos vínculos religiosos.

## DISCENTES, VULNERABILIDADES SOCIOESPACIAIS E PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO

O tecido urbano das cidades articula territórios intraurbanos distintos e interdependentes, que, em algum grau, se interpelam e se articulam entre si, marcados por hierarquias e conformando, através de suas morfologias, estruturas, dinâmicas e funções urbanas, um complexo de condicionamentos – materiais e imateriais – que diferencia as possibilidades de acesso e usufruto dos agentes urbanos ao que as urbes oferecem ou podem oferecer. Assim, essas pequenas cidades interioranas vão se refazendo marcadas por desigualdades e segregações socioespaciais e espoliações urbanas de várias ordens e escalas, envolvendo, por exemplo, o acesso diferenciado a equipamentos, infraestruturas e serviços urbanos.

Redenção estrutura-se, como indica a Figura 2, em: (i) duas centralidades, Centro Principal e Praça do Obelisco; (ii) dois bairros agregados, Centro Comunitário e Conjunto Habitacional; (iii) duas grandes periferias: ao sul, Boa Fé/PROURB e Alto da Boa Vista; ao norte, Alto do Cassiano; (iv) vazios urbanos, uma área de transição e duas áreas periurbanas, cabendo destacar a Franja Periurbana e a Fazenda. Como é possível observar, as centralidades concentram equipamentos urbanos privados e públicos. Em Acarape, como indica a Figura 2, a estrutura urbana apresenta: (i) uma ampla porção de vazios urbanos, um bairro de transição e uma área de expansão; (ii) um eixo central, que se apresenta mais como um vetor de estabilização e atração comercial do que como um centro econômico, político e simbólico bem delimitado material e imaterialmente; (iii) duas periferias, São Benedito/Estrada Velha e São Francisco/Marrecos. A maior parcela dos equipamentos urbanos situa-se ao longo da Rua José Guilherme Costa, rua interna principal da cidade, e da Rodovia CE-060, que juntas delimitam o eixo central.



Figura 2 – Territórios intraurbanos de Redenção e de Acarape  
Fonte: IBGE (2010); Elaborada por Regina Balbino da Silva.

Nos últimos anos, intensifica-se a mercantilização da terra urbana, e há violências e violações de direitos vinculados a assaltos e furtos e a situações de preconceito e discriminação racial, xenófoba e de gênero. Os estudantes geralmente residem em repúblicas, que agregam entre 02 e 06 estudantes, em sua maioria, em casas ou em pequenos apartamentos (quitinetes). A insegurança urbana faz parte, infelizmente, do cotidiano urbano vivenciado, como indicam relatos e narrativas efetuadas por estudantes brasileiros e estrangeiros, assim como notícias publicadas pela própria Unilab. E como é possível perceber os estudantes mais fragilizados nesse contexto são, geralmente, mulheres e estrangeiros.

Em dezembro de 2017, no Complexo Abolição, conjunto de edificações que agrega quitinetes, supermercado, bares, lanchonetes e restaurantes, ocorreu invasão de alguns apartamentos, com roubo de pertences. Nesse contexto, uma estudante, desesperada com a presença dos assaltantes buscou fugir, pulando do segundo andar do edifício, sofrendo fraturas nos calcanhares e necessitando de cirurgia para estabilização da coluna (<https://unilab.edu.br/2017/12/18/divulgada-nota-sobre-caso-de-estudante-que-sofreu-acidente-ao-fugir-de-assalto/>). Esse caso afligiu bastante a comunidade acadêmica, gerando muitas discussões, reclamações e demandas, particularmente porque não se tratava de um caso isolado, pois vários relatos e narrativas davam conta de invasões e assaltos a residências, em alguns casos com os estudantes presentes na residência no momento do ato.

Entre 2018 e 2019 há vários relatos e narrativas sobre assaltos a residências, mas evidencia-se uma nova situação vivenciada pelos discentes. Três estudantes, originárias de outros países, relataram que foram coagidas por uma pessoa estranha a pagarem o aluguel, no portão de casa. Estranhando o fato, pois não se tratava da pessoa que, a priori, seria proprietária do imóvel, não o fizeram. Relataram também que na semana seguinte essa mesma pessoa invadiu a residência e começou busca nos cômodos, sem perceber que uma das estudantes estava presente no imóvel. Com barulho na vizinhança, referida pessoa foi embora. Outro caso similar indica que pode estar ocorrendo nas duas cidades o fenômeno de apropriação dos imóveis para fins de aluguel, com a coação dos proprietários reais por parte de agentes vinculados à criminalidade e à delinquência. Referidos agentes passam então a cobrar e a receber o aluguel dos discentes, com estes variadas vezes perdendo o contato com os proprietários efetivos do imóvel.

Também cabe destacar situações de violência relacionadas ao gênero e à sexualidade, atingindo particularmente as mulheres. Nesse sentido, no decorrer dos anos há casos e denúncias de importunação sexual, assédio sexual e estupro, envolvendo os espaços públicos urbanos como calçadas, praças e ruas, por exemplo; espaços coletivos de uso comum, como clubes e a própria Universidade; e veículos, como os ônibus que fazem os trajetos entre os campi universitários. Muitos relatos indicam que determinados lugares são mais sensíveis à essas violências e violações de direitos. Através de oficinas de cartografia social realizadas pelo Grupo Diálogos de Extensão e Pesquisas foi possível mapear, por exemplo,

quadras, ruas e trechos de ruas onde as mulheres são insistentemente assediadas ao caminharem pela cidade, sendo agredidas através de frases, gritos e assovios, por exemplo, e às vezes com proximidade física que intimida e ameaça. A situação é ainda mais grave se percebemos que se tratam de cidades com manchas urbanas reduzidas e ausência de transporte público, o que faz com que grande parcela dos deslocamentos urbanos realizados pelos estudantes ocorra através de caminhadas. Também há denúncias de casos de estupro envolvendo discentes da Unilab e houve uma tentativa de feminicídio no interior da Universidade, em outubro de 2017, com uma estudante sendo atingida por três tiros disparados também por um estudante da Unilab. A estudante já tinha uma medida protetiva contra o estudante que efetuou os disparos, com base na Lei Maria da Penha (<https://g1.globo.com/ceara/noticia/estudante-atingida-por-tres-tiros-em-universidade-do-ceara-deixa-uti-e-segue-em-recuperacao-no-ijf.ghtml>). Esse caso, particularmente, gerou pânico no momento em que ocorreu, momento de aulas com a presença campus de centenas de pessoas no campus, dentre docentes, discentes e demais servidores. E gerou comoção posteriormente, fragilizando e abalando emocionalmente as pessoas, particularmente discentes. Que realizaram, inclusive, um ato público na Praça do Obelisco, com múltiplas linguagens artísticas, incluso sarau de poesia, revelando uma dinâmica onde se buscava o fortalecimento mútuo.

## O URBANO ALARGADO E INTENSIFICADO

Como é possível perceber, milhares de estudantes, enfrentam múltiplos desafios – socioeconômicos, culturais, urbanísticos, étnico-raciais, nacionais, classistas, geracionais e de gênero – para inserir-se nas cidades de modo digno, acessando e usufruindo direitos estudantis e urbanos. Vivenciam vulnerabilidades socioespaciais variadas, e, ao mesmo tempo, revelam-se enquanto agentes que buscam, a cada momento e de modo minimamente cumulativo e sequencial, constituir modos de fazer a cidade (AGIER, 2015) que gerem segurança, acolhimento, cuidado, estabilidade, acesso à habitação, equipamentos, serviços e infraestruturas (LEFEBVRE, 2011).

Parcela relevante desses estudantes são socioespacialmente subalternizados, residindo em periferias urbanas precárias, perpassadas por estigmas territoriais e sem acompanhamento do poder público, cabendo considerar que, ao mesmo tempo, efetuam deslocamentos que lhes permitem vivenciar centralidades citadinas, inclusive em outras cidades. Nos marcos de uma etnografia das margens e das centralidades, agentes em movimento e atuação, principalmente os que têm como territórios originários as periferias urbanas e, ao mesmo tempo, intervêm em processos na escala da cidade como um todo, vivenciam experientialmente as tensões constitutivas entre a cidade e a não cidade, por vezes de modo dramático, tensionados por vulnerabilidades extremas, violações reitera-

das de direitos e violências de várias ordens. Dito de outra forma, esses agentes vivenciam, em suas práticas cotidianas, as periferias, que são seus territórios originários, e, paradoxalmente, as centralidades citadinas – em suas dimensões urbanísticas, políticas, culturais, simbólicas, econômicas, orçamentárias, etc. –, absolutamente distintas entre si – por suas morfologias, dinâmicas, orçamentos, políticas, hierarquias, dentre outros –, embora interligadas estrutural e funcionalmente. Essa tensão constitutiva enriquece as potencialidades de apreensão/intervenção da/na cidade “a partir do vazio deixado por sua não existência, a partir de seu limite, de sua negação, de seu exterior e de sua margem” (AGIER, 2015, p. 486). Não é à toa que Agier (2015, p. 487) afirma que essa tensão entre margens e centralidades permitiria:

[...] apreender o limite do que existe — e que existe sob a aparência oficial e afirmada do realizado, do estabelecido, do ordenado, central e dominante — permite perceber a dialética do vazio e do cheio e descrever o que, a partir de quase nada ou de um estado aparentemente caótico, faz cidade.

Os lugares ocupados, as interações e as experiências vivenciadas podem potencializar condições para que os estudantes atuem como agentes urbanos, intervindo na estruturação urbana, a partir de duas perspectivas citadinas que se tensionam/enriquecem mutuamente. De um lado, uma política do cotidiano, com situações e práticas urbanas cotidianas revelando múltiplas formas de expressão e vivência em processos de ocupação, apropriação, uso, acesso, construção, regulação, posse e propriedade de diferentes pedaços da terra urbana, em diferentes escalas físico-geográficas. De outro lado, as cidades dos dados quantitativos, das formas e normas definidas ou a definir, da mercantilização da terra urbana, das regulações policiais e das (ausências das) políticas e gestões públicas, planos, programas e intervenções estatais/governamentais.

Considerando essas questões, os estudantes vivenciam o urbano enquanto conjunto de experiências localizadas, de descobertas e conhecimentos, encontrando “uma fonte inesgotável de problemáticas híbridas e complexas”, com dinâmicas de socialização e aprendizagem enriquecendo-se “incessantemente das tensões, incertezas e inovações sociais contemporâneas” buscando pontos de equilíbrio “entre ‘o sentido do lugar e a liberdade do não lugar” (AGIER, 2011, p. 35-36). Essas experiências urbanas remetem não somente ao “que se perde nos espaços da ‘não cidade””, mas também ao “que nasce ali mesmo, como expressão de uma dialética mais geral do vazio e do pleno, do fraco e do forte” (AGIER, 2015, p. 485).

Também cabe considerar que a periferização de territórios intraurbanos envolve, em certo sentido, o que Santos (2002, p. 246) caracteriza como produção da não existência de populações inteiras, entendendo que há “produção de não existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível”. Dessa forma, constitui-se uma “naturalização das diferenças e das hierarquias hegemônicas”, reproduzindo classificações que ocultam e invisibilizam experiências, valores materiais e ima-

teriais e práticas significativas/inovadoras vivenciadas/instituídas por agentes em territórios periféricos urbanos (SANTOS, 2002, p. 247). Desqualificam-se os agentes urbanos periféricos em suas potencialidades de reestruturação e ordenamento dos próprios territórios, em suas capacidades de produzirem os espaços urbanos vivenciados. Índícios apontam que os estudantes – particularmente os que residem nas periferias urbanas – são reiteradamente tensionados pela necessidade de romper essas ausências e constituir modos de inteligibilidade mútua entre si e com outros agentes urbanos.

Considerando-se essas referências teóricas, a cidade revela-se como espaço social de disputa, interação e aprendizagem, com diferentes pedaços urbanos evidenciando ambientes e situações marcados por vivências significativas. Ganha relevância a reflexão de Thompson quanto às experiências, que envolvem não somente as vivências cotidianas, mas modos comuns de pensar, sentir e lidar com essas vivências partilhadas. A experiência torna-se categoria essencial, mas não qualquer experiência, e sim a que detém caráter vivencial, ou seja, a que insere o agir cotidiano em contextos existenciais e horizontes interpretativos, eles próprios em constante devir, reiteradamente reconstituídos e partilhados. Cefai (2009: 26-27) afirma:

[...] [que] Dewey [...] faz referência a essa dimensão experiencial, indissociavelmente afetiva, cognitiva e normativa, ancorada no presente, mas abrindo para horizontes de passado e presente, em que convicções “pessoais” vão se formar, se reforçar e se exprimir em um processo de “coletivização” e de “publicização” de um caso, de um problema ou de uma causa.

Considerando que as experiências envolvem dinâmicas interpretativas e relacionais, continuam significativas as reflexões de Blumer (1980, p. 119), quando afirma que “os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece”. Mais do que isso, os significados são “provenientes da/ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas”, “manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato” (BLUMER, 1980, p. 119)<sup>6</sup>.

Cefai (2009, p. 26-27) afirma que a “experiência coletiva e pública” ao revelar “uma mobilização não totalmente rotineira”, “abala o consenso presumido da experiência do senso comum e põe à prova a atitude natural dos indivíduos que a compõem”. Apesar de Cefai (2009, p. 26-27) estar se referindo especificamente a contextos de mobilização e luta social, é possível deslocar sua reflexão para as vivências cotidianas reiteradas dos estudantes nas cidades. Ainda mais quando são perpassadas por tensões e conflitos que adquirem caráter público, delineando posições e posturas divergentes e mobilizando variados agentes.

<sup>6</sup> Apesar dos *insights* de Blumer (1980) serem significativos, eles não envolvem a referência a condicionamentos estruturais que extrapolem as situações de interação face a face.

## SOCIOLOGIA DO COTIDIANO E ETNOGRAFIA

Entende-se que a observação direta do cotidiano urbano vivenciado é um elemento essencial à pesquisa. E não somente a observação da cidade em seus aspectos materiais, mas, também, a observação que permita efetuar um “mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses Outros que queremos apreender e compreender” (URIARTE, 2012, p. 5).

Mas, como se compreende o cotidiano? Na perspectiva mobilizada, envolve “o cruzamento de múltiplas dialéticas entre o ‘rotineiro’ e o ‘acontecimento’”, agregando, ao mesmo tempo, o banal/insignificante e o histórico/original/significativo (PAIS, 2015, p. 76). Essa perspectiva busca transcender o “sentido vulgar” do cotidiano, referido como “àquilo que sucede habitualmente e, nesse sentido, têm o significado de banalidade, monotonia” (PAIS, 2015, p. 77). Dessa forma, a vida cotidiana agrega, mas não se reduz “ao que repetitivamente se passa, dia a dia, de forma rotineira e passiva”, reduzida à “banalidade da vida”, aos seus “aspectos triviais, monótonos e repetitivos” (PAIS, 2015, p. 79). Desse modo, o cotidiano também é entendido enquanto “um lugar de inovação”, de recusa, reorganização e transformação, cabendo revelar “a riqueza oculta” sob “a aparente pobreza e trivialidade da rotina” (PAIS, 2015, p. 80).

Tendo como fio condutor a observação direta com viés etnográfico, evidencia-se como a “reflexão está enraizada numa coleta de dados in vivo, na constituição de relações de familiaridade e de confiança com os interlocutores e com o seu território”, cabendo falar, portanto, em uma “análise situacional”, que envolve “uma descrição minuciosa de situações de co-presença” (CEFAI; VEIGA; MOTA, 2011, p. 5). Se articulam, então, uma sociologia do cotidiano a uma abordagem etnográfica, mas não qualquer etnografia, e sim a que requer como seu elemento essencial a observação direta e/ou participante, pois através dela:

O pesquisador se implica de corpo e alma no contexto da experiência e das atividades ordinárias de seus interlocutores. Ele se engaja na primeira pessoa nas situações cotidianas, que frequenta de forma regular e repetitiva durante uma longa jornada. Desse modo, está também diante da excepcionalidade de eventos únicos aos quais somente ele assiste e testemunha em campo. O pesquisador embarca numa compreensão aproximada, focalizando os fenômenos que se dão concretamente diante dele, no momento exato de sua produção. Ele se preocupa em saber quem são e o que fazem os atores, porque e como, com quem e em vista de qual ou quais experiências eles depreendem suas ações. Não podemos, portanto, falar em etnografia sem ter esse momento de observação, compreensão e descrição in situ da pesquisa e se grande parte dos dados e das análises que advém no espaço-tempo da pesquisa for obtida por outras vias. (CEFAI; VEIGA; MOTA, 2011, p. 3-4)

Desse modo, a etnografia envolve “uma forma de aproximação própria” que “produz um conhecimento diferente do obtido por intermédio da aplicação de outras técnicas”, supondo “outro tipo de investimento, um trabalho paciente e continuado ao cabo do qual e em algum momento [...] os fragmentos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado” (MAGNANI, 2009a, p.

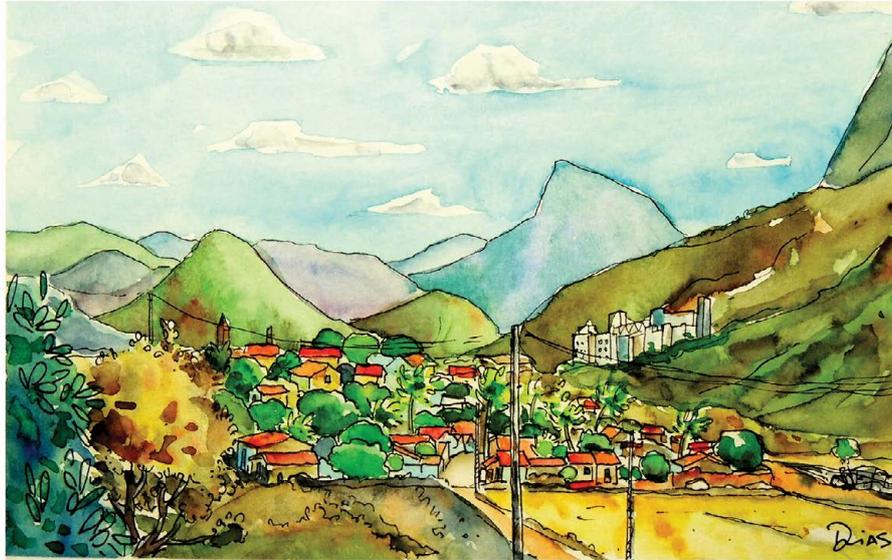
73). A presença continuada, intensa e de longo curso nos universos vivenciais dos estudantes envolve o acompanhamento de um conjunto muito complexo de situações, processos e interações sociais. Nessa perspectiva,

*O insight na pesquisa etnográfica, quando ocorre – em virtude de algum acontecimento, trivial ou não – só se produz porque precedido e preparado por uma presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva. Não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento [...]. (MAGNANI, 2009a, p. 74)*

A partir dessas referências, um fio condutor essencial às investigações é como articular esse foco denso nas situações cotidianas de interação face a face aos condicionantes estruturais, morfológicos, formais e funcionais que perpassam a cidade, o que envolve lidar com “diferentes escalas de observação e análise” (CORDEIRO, 2003, p. 13). Uma primeira unidade analítica é a da cidade, inserida em uma rede urbana, e demarcada por morfologia, divisões funcionais, estrutura e dinâmica urbana própria – mesmo que sob tensão e evidenciando contradições e movimentos/processos hegemônicos/emergentes/subalternos. Nesse sentido, a cidade é entendida como a totalidade mais ampla onde convivem cotidianamente – e de modo minimamente reiterado, sequencial e cumulativo – os agentes que ali residem ou circulam.

Porém, aos poucos se percebe que estamos diante de uma realidade urbana mais complexa. Inicialmente porque se tratam de duas pequenas cidades onde as manchas urbanas praticamente interpenetram-se. Porém, mais do que isso, porque estamos diante de um urbano bastante complexo se consideramos que se tratam de duas cidades onde se implanta uma universidade federal interiorizada e internacionalizada, com milhares de estudantes de sete países, situada nas fronteiras da região metropolitana da quinta maior cidade brasileira. Se pensarmos nos sete países, estamos diante de dezenas de povos e grupos étnicos, com uma diversidade correspondente, que passa a conviver cotidianamente no campo universitário-urbano.

É nesse espaço urbano que se situam as situações cotidianas vivenciadas pelos agentes, cabendo considerar que a análise adquire sentido quando as interações são situadas não somente nos micro e nanocontextos, mas, também, no urbano alargado e intensificado, entendido enquanto totalidade processual e continuamente reconstituída, considerando contextos e conjunturas específicas. Essa perspectiva pode permitir reconhecer “a complexidade do contexto” e, mesmo assim, fazer emergir, identificar e/ou evidenciar as singularidades de uma trajetória pessoal, “sujeita às mesmas influências históricas” de toda uma coletividade, sem que esse agente específico deixe “de ser um indivíduo singular” (FONSECA, 1999, p. 61).



Comunidade Estrada Velha, ao fundo o Campus das Auroras-UNILAB, Acarape/CE. 30 de agosto de 2019.



Figura 3 - Comunidade Estrada Velha, ao fundo o Campus das Auroras, Acarape/CE. 30 de agosto de 2019.  
Fonte: Acervo Grupo Diálogos; Obra de André Dias.

A Figura 3, um sketche urbano criado pelo artista plástico cearense André Dias, retrata uma das comunidades vulneráveis da cidade de Acarape e, do lado direito e ao fundo, o Campus das Auroras, ilustrando a presença da Universidade e os vínculos e relações – mesmo potenciais e inexploradas – entre as urbes e a Unilab. Também evidencia a complexidade desse espaço urbano, situado ao pé do Maciço de Baturité, entrecruzando o sertão semiárido e reservas ambientalmente preservadas de mata atlântica no estado do Ceará. O sketche foi criado a partir da visão que o artista teve do segundo andar de um dos blocos acadêmicos do Campus dos Palmares, a aproximadamente 300 metros da Comunidade da Estrada Velha. O Sketche revela a complexidade que atravessa e compõe essas cidades, conformadas, ao mesmo tempo, por (i) elites locais que se enraízam através dos séculos na propriedade privada da terra rural e urbana e em dinâmicas de comercialização de matérias primas e mercadorias diversas; (ii) segmentos trabalhadores vulneráveis, extremamente empobrecidos e vivenciando espaços e dinâmicas urbanas precárias, com esse contexto majoritariamente se repetindo através das gerações em várias famílias. Ao mesmo tempo, passam a conviver e interagir nas cidades docentes, técnicos e discentes com toda a diversidade anteriormente indicada, cabendo considerar que a Universidade evidencia-se enquanto instituição em que o conhecimento, a educação, a ciência e a tecnologia se constroem, acumulam e circulam, promovendo a formação acadêmica e profissional e potencialmente impactando a geração de alternativas ao desenvolvimento em múltiplas dimensões e escalas. Como é possível perceber, vivencia-se um urbano em que variadas classes sociais, com pessoas, grupos, coletivos, famílias e comunidades muito diversas podem conviver cotidianamente e de modo reiterado.

Nesse contexto, cabe destacar algumas situações e episódios vivencia-

dos, os quais têm gerado reações significativas particularmente por parte dos discentes: (i) constantes críticas efetuadas por radialista à UNILAB e pessoas da instituição, com programa de ampla audiência, sediado em Redenção, mas com alcance na região, inclusive apresentando falas racistas e xenófobas; (ii) episódios de agressão verbal e física, com caráter racista e xenófobo, atingindo discentes da universidade em espaços públicos das cidades; (iii) assaltos, alguns com agressões físicas, e invasões a residências de universitários, inclusive com discentes feridos, alguns gravemente; (iv) críticas a ocupações criativas efetuadas por docentes e discentes da UNILAB e convidados, efetuadas por grupos de moradores originários em Redenção, em alguns casos, contando com apoio de segmentos policiais “encerrando a festa”, o que revela que alguns lugares são ocupados/regulados seletivamente pelo Estado, inclusos, por exemplo, a Praça do Obelisco e o Complexo da Abolição; (v) enquête efetuada por vereador de Acarape, instando a população a escolher entre a instalação de um novo *campus* da universidade ou uma indústria no município; (vi) os aluguéis entendidos como caros, com preços exorbitantes, aos quais os estudantes precisam se submeter, obrigando parcela a morar em “repúblicas”, em alguns casos, com mais de cinco pessoas em cada unidade habitacional; (vii) assaltos na entrada/saída dos *campi* da UNILAB, particularmente em Palmares, onde se concentra a maioria dos cursos noturnos; (viii) tentativa de feminicídio ocorrida no interior do *campus* da universidade; (ix) denúncias de estupros envolvendo discentes da UNILAB.

Essas situações urbanas cotidianas, reiteradas em sua maioria, tornam-se muitas vezes objeto de questionamento, de reflexão coletiva, de interpretação e de construção de narrativas, relatos e discursos. Gerando, em alguns casos, demandas formalizadas, agendas e pautas políticas e até iniciativas governamentais e universitárias. As situações cotidianas e as dinâmicas interpretativas vinculadas envolvem variados estudantes nas salas de aula, nos corredores, nas lanchonetes e nos eventos, nas negociações e diálogos com gestões e técnicos das Prefeituras e da Universidade, nas ruas e praças das cidades, nos bares, lanchonetes e restaurantes, nas esquinas, nas residências e nas redes de vizinhança, amizade e família, assim como nas redes sociais e em grupos virtuais. Há uma dinâmica coletiva e minimamente sequencial e cumulativa de interpretação, que gera posturas e ações concretas, e que é marcada também por disputas, divergências, tensões e conflitos, considerando-se a existência de uma diversidade de posições ideológicas, religiosas, políticas, éticas, culturais, dentre outras, em certa medida flutuantes e modificáveis. E aqui mais uma vez emerge esse urbano mais intenso e alargado, com novos agentes urbanos e políticos.

A partir desses episódios, as cidades parecem revelar agentes políticos em construção, onde, a partir dos conflitos, contradições e divergências, as juventudes, e particularmente parcela dos estudantes da UNILAB, vem se reposicionando no contexto urbano. São variadas as estratégias e as táticas conformadas pelos discentes para lidar com as situações problemáticas vivenciadas no cotidiano urbano, mais ou menos formais ou informais. Por exemplo, as formas sociais cons-

tituídas por mulheres africanas de vários países para constituir redes de apoio mútuo, espaços de escuta, discussão e enfrentamento de dificuldades e desafios (vide Machado et al, 2021), constituindo, por exemplo, times de futebol, além de variadas experiências associativas. Mas também revelando como é na convivência cotidiana nas cidades e na Universidade que as percepções, as interpretações, os relatos, as narrativas e as posturas vão se constituindo, a partir de uma dinâmica coletiva assentada nas experiências vivenciadas. Assim,

Outro espaço em que também acontecem essas dinâmicas educacionais com solidariedade e sororidade é o dos encontros com Badjuda Futebol Clube, em Acarape, um lugar que concentra um número significativo de mulheres, pensado justamente para fortalecer laços de irmandade, de integração e interação, de combate ao machismo e ao racismo e de acolhimento entre as veteranas e as recém-chegadas “calouras”. Cabe ainda considerar que o futebol, como espaço que estabelece vínculos de amizade, de partilha de experiências e de saberes, foi projetado como um espaço de encontros e reencontros de mulheres para amenizar seus problemas, possibilitando suas autonomias e protagonismos através da ação educativa a partir do esporte (MACHADO et al, 2021, p. 295).

A Praça do Obelisco tem, em seu entorno, equipamentos como a Casa do Cidadão, posto de saúde, centro odontológico, padaria e supermercado, lanchonetes, farmácias, depósitos de construção, bares e restaurantes, além de residências, principalmente de moradores originários. É uma praça agradável, com mobiliário para descanso, um pequeno coreto e caramanchões. Nos últimos anos, tem sido comum presenciar a circulação, a ocupação e o uso da praça envolvendo variados moradores, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, de várias nacionalidades, brincando, conversando, namorando, passando o tempo. Aos poucos, a praça também se tornou espaço para realização de eventos organizados por segmentos docentes, discentes e técnicos da universidade, com trabalhos universitários, rodas de conversa, saraus de poesia, apresentações de grupos musicais variados, inclusive com performances interseccionam várias linguagens artísticas. Em alguns desses eventos, as pessoas deslocam-se alguns poucos minutos a pé do *Campus* da Liberdade, carregando (e tocando) berimbaus, pandeiros, atabaques, violões, pífanos, dentre outros instrumentos. Também são realizados eventos de grupos das artes marciais, envolvendo a comunidade universitária e moradores do entorno da praça e de áreas mais distantes. Porém, nos últimos tempos, têm-se agravado tensões e conflitos entre moradores antigos e estudantes da UNILAB, revelando disputas pela ocupação, uso e acesso à praça, sendo particularmente questionadas as situações e os eventos situados sob o signo da ocupação criativa. Ocorrendo, por exemplo, episódios de interrupção de eventos, com presença policial ostensiva, e, ao mesmo tempo, experiências associativas dos estudantes, com mobilização política, nota pública e demandas publicamente formalizadas às Prefeituras e à Universidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa inserção no cotidiano urbano vivenciado pelos discentes nos permitiu perceber como emergem, se atualizam e se agravam as tensões vinculadas ao fazer a cidade, considerando-se uma etnografia das margens e das centralidades e as tensões entre a política do cotidiano e a política institucional. Também evidenciaram dinâmicas educacionais intensas, complexas, densas e com certa sequencialidade e cumulatividade, ainda mais se considerarmos a ideia do campo urbano-universitário, impactando a reformulação reiterada de disposições sociais, *frames* e identidades. Por fim, essas dinâmicas afetam a reconstituição de vínculos, pactuações e compromissos mútuos, dito de outro modo, a coletivização de ações.

As situações cotidianas constroem, violam direitos e incorporam violências ao cotidiano urbano vivenciado pelos discentes, revelando a necessidade de políticas públicas municipais e de políticas institucionais da Universidade. Muitas vezes mesclam violências de gênero, sexualidade, raça, etnia e nacionalidade, revelando que alguns estudantes são mais vulnerabilizados e sujeitos às violências e violações de direitos do que outros.

Observa-se que em resposta a um conjunto de situações e episódios vêm constituindo-se posturas de contestação, crítica e mobilização, presencialmente e nas redes sociais, buscando mobilizar, impactar a opinião pública e gerar respostas político-institucionais de prefeituras, câmaras de vereadores e universidade. Reagindo a situações e episódios fortuitos ou que se repetem, as juventudes instituem uma dinâmica de interpretação e ação coletiva – agregando modos dialógicos presenciais e *online* –, gerando construções discursivas que impactam a opinião pública, pautam demandas políticas e buscam a apropriação de espaços públicos. Assim, evidenciam-se indícios de que uma dinâmica pública e política começa a ter caráter mais orgânico na convivência urbana cotidiana.

Percebe-se que a presença dos discentes tem gerado tensões e instabilidades nos ordenamentos urbanos tradicionalmente estabelecidos, evidenciando uma reconfiguração das posturas em variados agentes cidadãos. Particularmente porque se estabelecem tensões e conflitos envolvendo os antigos e os novos agentes urbanos, onde está em jogo estruturalmente e em média e longa duração, mas também em cada pequena situação cotidiana, em cada encontro nas ruas, praças e esquinas, nas calçadas, nos deslocamentos urbanos, nos espaços da Universidade, nas redes e grupos virtuais, a permanência e a reiteração do tradicional e/ou a instituição do novo, do inovador, instituindo rupturas e mudanças significativas. Esse jogo urbano, mais ou menos visível ou invisível, explícito ou implícito, remete às hierarquias e aos imaginários urbanos, às classificações e dinâmicas simbólicas e, de modo ainda mais concreto, ao próprio processo – material e imaterial – de produção social do espaço urbano, em suas dinâmicas de ocupação, uso, acesso, regulação, construção e posse/propriedade da terra urbana em seus diferentes pedaços. E, nesse contexto, está em jogo a “partilha do sensível”

social e historicamente consolidada.

Cabe indicar que essa tensão entre tradicional e inovador ganha ainda mais força se considerarmos que a implantação da Unilab traz para o cotidiano vivenciado nas duas cidades um conjunto muito amplo e complexo de agentes sociais, particularmente jovens, que se distinguem dos agentes urbanos e políticos tradicionalmente hegemônicos. Enquanto esses agentes hegemônicos se percebem e/ou representam como brancos, homens, católicos, heterossexuais e proprietários de terra e capital, os estudantes são majoritariamente migrantes vindos de outros países, municípios ou localidades rurais. Mais do que isso, a par de uma grande diversidade social, uma grande parcela é formada por mulheres, negros e estrangeiros que professam diferentes religiosidades e ideologias, pertencem a variadas etnias, falam línguas, possuem culturas diferentes e também são diversos quanto ao gênero e à sexualidade. Assim, muitas vezes a própria presença desses agentes nos espaços públicos urbanos locais, por exemplo, já pode gerar tensões e conflitos, particularmente em contextos de difusão de posturas neoconservadoras e neofascistas. O machismo, a homofobia e a transfobia e o racismo estão presentes e compõem, muitas vezes, as situações urbanas cotidianas vivenciadas, cabendo considerar que o fato de estarmos falando de pequenas cidades remete a interações face a face com grande frequência, nas ruas, praças e calçadas, mas também nos mercadinhos e supermercados, nos bares, lanchonetes e restaurantes, nos prédios públicos e em outros lugares.

Não é à toa que Cefai (2009, p. 27) indica que a “ação coletiva se organiza, então, organizando seus ambientes”; produzindo os “critérios de experiência que vão permitir a seus atores que se orientem, compreendam o que fazem e o que as circunstâncias fazem deles”. Nesse contexto, indícios apontam para dinâmicas públicas nas cidades – com ideias, justificativas, argumentos e propostas publicamente expostos –, mesmo que de modo incipiente, descontinuado e fugaz. Os discentes parecem estar se constituindo enquanto agentes relevantes à produção social do espaço urbano, à reconstituição do urbano e das cidades.

E à medida que os estudantes estão mais presentes e ativos na cidade, os aparatos estatais e governamentais e a atuação de agentes urbanos e políticos locais recrudescem no enfrentamento. Bloqueando, deslocando, impedindo total ou parcialmente a emergência e o fortalecimento urbano e político de agentes estudantis, particularmente quando ativos nas centralidades urbanas citadinas – por exemplo, o território Central e da Praça do Obelisco em Redenção. Reservando para estes, mesmo implicitamente, as periferias urbanas como lugares adequados.

Cabe indicar, porém, que é cedo para avaliar se essa dinâmica urbana e política impactará efetivamente o modo como diferentes parcelas da terra urbana estão sendo/podem ser ocupadas, usadas, acessadas, construídas, reguladas e efetivadas posse e propriedade. Se essa dinâmica impactará de modo duradouro e significativo as estruturas, morfologias, formas, funções e dinâmicas urbanas. Mais do que isso, cabe perguntar como e em quais direções evoluirão as tensões

e os conflitos? Se/como se recriará/reafirmará a partilha do sensível? Manter-se-á uma partilha mais tradicional ou haverá a instituição de uma nova partilha? É cedo para avaliar essas questões. Elas continuam sendo vivenciadas, investigadas e discutidas.

### **AGRADECIMENTOS:**

Os autores agradecem à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP); o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e a Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); e o Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR), do Departamento de Geografia, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer a cidade: o antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova*, São Paulo, v. 76, p. 49-86, 2009.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES. 2018. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/v-pesquisa-nacional-de-perfil-socioeconomico-e-cultural-dos-as-graduandos-as-das-ifes-2018/>. Acesso em: 3 nov. 2019.

BAUMGARTNER, Wendel Henrique. *Cidades Universitárias, Cidades Médias, Cidades Pequenas: Análises Sobre o Processo de Instalação de Novos Campi Universitários*. Espaço Aberto, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 73-93, 2015.

BITOUN, Jan; MIRANDA, Livia (orgs.). *Tipologia das cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2009.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. D. (org.) *Teoria da Comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980. p. 119-138.

CARLOS, Euzeneia. Contribuições da Análise de Redes Sociais às Teorias de Movimentos Sociais. *Sociologia Política*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 153-166, jun. 2011.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmática para a sociologia da ação coletiva. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 11-48, abr./jun. 2009.

CEFAÏ, Daniel; VEIGA, Felipe Berocan; MOTA, Fábio Reis. Introdução. In: MOTA, Fábio Reis et al. (orgs.). *Arenas públicas: por uma etnografia da vida associativa*. Niterói; Rio de Janeiro: EdUFF, 2011. p. 9-63.

CORDEIRO, Graça Índias. A antropologia urbana, entre a tradição e a prática. In: CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luis Vicente; COSTA, Antonio Firmino (orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta, 2003. p. 3-34.

DANTAS, Joseney Rodrigues de Queiroz; CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. A expansão do ensino superior e as cidades médias: um estudo sobre a atuação da UERN/Campus de Pau dos Ferros (RN). *Revista Política e Planejamento Regional*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 227-236, jul./dez. 2014.

ENDLICH, Angela Maria. As pequenas cidades e as áreas de comparabilidade. In: *ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA*, 12., 2009. Anais [...]. Montevideo, 2009.

ENDLICH, Angela Maria. O estudo das pequenas cidades e os desafios conceituais: áreas de comparabilidade e complexidade mínima. *Huellas*, n. 15, p. 149-165, 2011.

FOUCART, Jean. *Accompagnement et transaction: une modélisation théorique*. *Pensée plurielle*, v. 1, n. 17, p. 113-34, 2008.

FRESCA, Tânia Maria. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. Mercator, Fortaleza, v. 9, n. 20, p. 75-81, set./dez. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 1991. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 11 dez. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 11 dez. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2014. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 11 dez. 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). Perfil Básico Municipal 2016 Redenção. Fortaleza: IPECE, 2016. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/index.php/2016-12-16-13-09-40>. Acesso em: 23 fev. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE); UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: estudos básicos para caracterização da rede urbana. 2002. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=18261](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=18261). Acesso em: 3 dez. 2019.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2011.

LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs.). Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010.

MACHADO, E. G.; GOMES, P. M.; DA SILVA, R. B. Mulheres africanas em um campo universitário urbano no Brasil. Tensões Mundiais, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 277-304, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/3145>. Acesso em: 13 dez. 2021.

MACHADO, E. G.; LIMA, E. F.; FURTADO, O. V. Urbanização e os desafios à política urbana em pequenas cidades: o caso de Redenção, Ceará, no contexto de implantação da UNILAB. Revista Políticas Públicas & Cidades, v. 5, p. 43-63, 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. No Meio da Trama: a antropologia urbana e os desafios da cidade contemporânea. Sociologia, Problemas e Práticas, n. 60, p. 69-80, 2009.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades médias e pequenas do nordeste: conferência de abertura. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs.). Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 13-44.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gilberto Alves de. Redefinição da Centralidade Urbana em Cidades Médias. Sociedade & Natureza, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 205-220, 2008.

PAIS, José Machado. Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2015.

PETERS, Gabriel Moura. Percursos na teoria das práticas sociais: Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PETERS, Gabriel Moura. A praxiologia culturalista de Anthony Giddens. Teoria e Pesquisa: Revista de Ciência Política, v. 20, n. 2, p. 123-47, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. 2009. A partilha do sensível. 2 ed. Rio de Janeiro: 34, 2009.

RIBEIRO, Fabrício Américo. UNILAB: políticas educacionais e as transformações do

espaço urbano em Redenção-Ceará-Brasil. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Redenção, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 63, p. 237-280, out. 2002.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: SIMMEL, Georg et al. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, 1967. p. 10-24. Disponível em: [http://www.marcoareliosc.com.br/03velho\\_completo.pdf](http://www.marcoareliosc.com.br/03velho_completo.pdf). Acesso em: 3 dez. 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. 2 “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcus Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Savério. *Territórios e territorialidade: teorias processo e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 37-56.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *RAP*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006.

THOMPSON, Edward Paul. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). *Estatuto Geral da UNILAB*. Redenção: UNILAB, 2019. Disponível em: [http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/06/Estatuto-Unilab\\_junho.2019.pdf](http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/06/Estatuto-Unilab_junho.2019.pdf). Acesso em: 3 dez. 2019.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe*, v. 11, p. 1-13, 2012.

VILLAÇA, Flávio. *O espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 37-58, 2011.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: SIMMEL, Georg et al. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, 1967. p. 89-112. Disponível em: [http://www.marcoareliosc.com.br/03velho\\_completo.pdf](http://www.marcoareliosc.com.br/03velho_completo.pdf). Acesso em: 3 dez. 2019.